



A ARTE RUPESTRE DA SERRA DE S. MAMEDE (PORTUGAL - ESPANHA)

Jorge de Oliveira

Clara Oliveira

CHAIA /Universidade de Évora

PALAVRAS CHAVE: Arte Rupestre Esquemática; Serra de S.Mamede; Portugal - Espanha.

KEYWORDS: Schematic Rock Art; Serra de S. Mamede; Portugal - Spain.

RESUMO:

Apresentam-se neste texto os resultados dos trabalhos de investigação desenvolvidos sobre a arte rupestre esquemática da Serra de S.Mamede, em Portugal, no âmbito do Projecto ARA, desde 2009 até 2012. Os resultados dos levantamentos, prospecções, escavações arqueológicas efectuadas e datações obtidas são aqui apresentados. Sumariamente referem-se também os novos abrigos com arte rupestre recentemente identificados nas encostas espanholas da Serra de S.Mamede.

ABSTRACT:

We present in this paper the results of research conducted on the schematic rock art of S. Mamede Mountain, Portugal, under the ARA Project, from 2009 until 2012. The results of the surveys, digs and radiocarbon dates obtained are presented here. Summarily also we refer new shelters with rock art recently identified on the slopes of the Mountain of S.Mamede Spanish.

AS ORIGENS

As primeiras referências a arte rupestre para a área da Serra de S.Mamede remontam aos inícios do século XX. Foi o escultor espanhol Aurélio Cabrera y Gallardo que identificou e divulgou, pela primeira vez, conjuntamente com Eduardo Hernández-Pacheco y Esteban, as pinturas rupestres do abrigo dos Gaivões, na Esperança. (Hernández-Pacheco, 1916)



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

Tal como a descoberta, e primeira notícia, de arte rupestre no Sul de Portugal se deveu a não portugueses, também o primeiro levantamento e estudo interpretativo se deveu a Henri Breuil (Breuil, 1917, pp 17-26). Ao estudar os painéis do abrigo dos Gaivões, Breuil com a vista já treinada para a observação e reconhecimento dos mais subtis e já apagados traços de pintura rupestre e a mão habituada a fazer o levantamento de figuras e signos de tipo esquemático, irá publicar um estudo mais completo que vigorará durante décadas. Apesar de algumas novas referências pontuais ao longo do século XX e que referimos na bibliografia, os levantamentos de Breuil sempre tiveram na base dos estudos posteriores.

Em 1973, Jorge Pinho Monteiro e Mário Varela Gomes encetam um projeto de investigação sobre os contextos arqueológicos de estações com arte rupestre. Neste projeto, para além da revisitação do Abrigo dos Gaivões e das pinturas já conhecidas, as suas preocupações orientaram-se mais para a prospeção das áreas envolventes a eles, de forma a identificar outro tipo de vestígios, como espaços de *habitat* que ajudassem a compreender a ocupação humana, contemporânea às pinturas. Dessas campanhas resulta, em 1981, a identificação de mais um abrigo com pinturas, o Abrigo de Pinho Monteiro, na Serra do Cavaleiro, e um povoado no topo da crista da Serra dos Louções, onde se localiza o abrigo com os mesmo nome. Aí recolhem alguns materiais arqueológicos, como fragmentos de cerâmicas, artefactos líticos e restos de fauna (Gomes, 1989, p.229). Pela tipologia de implantação do povoado e dos materiais recolhidos atribuem-lhes uma possível cronologia de Neolítico final / Calcolítico inicial.

Para além da proteção das classificações já existentes, a do Abrigo dos Gaivões como Monumento Nacional, pelo Decreto 251/70, DG 129, de 3 de Junho e a do Abrigo Pinho Monteiro, como Imóvel de Interesse Público, pelo decreto 1/86, DR 2ª série, de 3 de Janeiro de 1986, com a criação, através do decreto-lei 121/89, de 14 de Abril, do Parque Natural da Serra de S. Mamede – PNSSM, as serras dos Louções e do Cavaleiros, na freguesia da Esperança são integrados na área protegida desta nova entidade, o que, teoricamente, deveria ter contribuído para uma maior proteção destes sítios e suas pinturas, mas que, infelizmente nem sempre tem acontecido.

O conhecimento sobre arte rupestre para a região da Serra de S. Mamede, neste início de século XXI, permitia referir a existência dos quatro abrigos (Gaivões, Pinho Monteiro, Louções e Igreja dos Mouros) na freguesia da Esperança e no concelho de Marvão o abrigo do Ninho do Bufo, descoberto em 2003, por Margarida Ribeiro.



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

O desenvolvimento, desde Abril de 2009, do ARA – Arte Rupestre de Arronches, projeto dirigido pelos signatários, apoiado pela Câmara Municipal de Arronches, Junta de Freguesia da Esperança, Junta de freguesia de Alegrete e com a colaboração dos colegas da Universidade da Extremadura (Espanha), do Laboratório Hércules (Universidade de Évora) e de alunos de Arqueologia da Universidade de Évora e Nova de Lisboa, tem vindo a permitir o estudo e levantamento global dos abrigos já conhecidos, a realização de prospeções sistemáticas, sobretudo das cristas quartzíticas, que já resultaram na identificação de novos abrigos com e sem pinturas e na abertura de sondagens arqueológicas no interior das grutas mais significativas e com potência estratigráfica.

De uma forma sucinta, porque o espaço disponível é muito restrito, apresentaremos aqui os trabalhos já desenvolvidos no âmbito deste projeto. Para além dos estudos desenvolvidos no concelho de Arronches alargámos a nossa intervenção ao vizinho concelho de Portalegre, especificamente à freguesia de Alegrete e à Penha de S. Paulo e às cristas quartzíticas da fronteira de Marvão onde, como veremos a seguir, se identificaram mais abrigos com pinturas esquemáticas.

CONCELHO DE ARRONCHES – FREGUESIA DA ESPERANÇA

ABRIGO DOS GAIVÕES

Numa primeira fase, o Abrigo dos Gaivões foi o principal objeto de estudo. Procedeu-se ao levantamento exaustivo das pinturas, através de decalque direto. Paralelamente procedeu-se ao levantamento fotográfico integral, sobretudo para decalque indireto, em complementaridade ao anteriormente realizado. Através deste novo sistema de tratamento de imagem que a informática nos facultou foi possível reconhecer novos pictogramas até agora não revelados, mas também constatar o desaparecimento ou o forte atenuar de outras. (Oliveira, 2010, pp.60-78)

Desde há muito que vínhamos constatando que sob o passadiço de madeira que agora facultou o acesso ao Abrigo dos Gaivões que parecia identificar-se, por entre o caos de blocos de quartzito, alguns conjuntos estruturados que eventualmente estariam associados culturalmente com o abrigo. Simultaneamente ao estudo das pinturas, e depois de uma limpeza e levantamento geral dos blocos de quartzito, foram realizadas duas sondagens de 2X2 metros de lado, para a eventual compreensão destas estruturas. As sondagens foram marcadas por forma a abarcar parte dos muros de dois recintos e respetivas faces interiores. No espaço das sondagens foram apenas identificados dois pequenos cristais de quartzo hialino, um utilizado como núcleo para extração de lamelas e o outro



com sinais de desgaste numa das arestas. Na sondagem A identificou-se um possível buraco de poste, estruturado, na face interior do muro. Pelos escassos materiais identificados não foi possível estabelecer uma relação direta com o abrigo. Contudo, pelas dimensões destas estruturas, obtidas em pedra seca, poderemos levantar a hipótese de uma, a de maiores dimensões, ter servido para recolha de gado e a outra como cabana de pastor. Os dois materiais líticos recolhidos, ainda que sem qualquer certeza, poderão apontar para uma fase inicial do Neolítico.

ABRIGO DOS LOUÇÕES

Na área da Serra dos Louções, onde se localizam os abrigos dos Gaivões e Igreja dos Mouros, é também conhecido outro pequeno abrigo, homónimo à Serra. Trata-se de uma diáclase, onde podemos encontrar um conjunto de escalariformes, de ramiformes e um petiniforme que cobrem praticamente todo o teto do reduzido abrigo. Junto a esta exígua gruta, destaca-se de sobremaneira na paisagem, uma enorme formação quartzítica que reproduz, em silhueta, uma cara humana. Esta formação inspiradora, que se ergue a grande altitude, parece dominar a planície que se estende para sul. A proximidade desta escultura natural ao Abrigo dos Louções e ao povoado com o mesmo nome não terá passada despercebida às comunidades que na pré-história por aqui deambularam ou viveram. O decalque direto e indireto dos painéis deste abrigo foi por nós realizado no Verão de 2010. Em frente a este abrigo desenvolve-se um curto átrio que, se escavado, poderá conter alguma informação relevante, já que a forte pendente do interior da diáclase não guarda qualquer depósito de terras. As pinturas existentes no teto deste abrigo apresentam uma interessante monotonia cromática, quando comparada com as variantes de tons laranja e vermelho que ocorre nos outros espaços. Apenas junto à entrada, eventualmente também devido à influência dos elementos, as pinturas apresentam-se com cores mais suaves. De notar ainda que o conjunto pictórico deste abrigo parece afastar-se da gramática mais recorrente nos outros que nas redondezas se localizam.

ABRIGO PINHO MONTEIRO

Em 1982, escavações arqueológicas efetuadas no abrigo Pinho Monteiro, sob a orientação de Mário Varela Gomes, foi identificado um forte muro junto à entrada do abrigo. Decorrente desses trabalhos MVG publicou um levantamento sumário tanto dos decalques dos principais painéis deste abrigo como dos materiais arqueológicos identificados em escavação.



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

Passados quase trinta anos sobre a primeira intervenção e com novas tecnologias solicitámos autorização para procedermos a outra pequena sondagem de 1,5 x 1 metro na área deixada como testemunho por M.V.G. Paralelamente, procedemos ao levantamento integral de todos os painéis e à sua localização em planta.

Do decalque direto e levantamento fotográfico das pinturas resultou a identificação de inúmeras e muito diversificadas formas antropomórficas, a presença também de pontos, linhas e barras digitadas, sendo, contudo, significativa a presença central, num dos painéis do tecto, de um pequeno soliforme.

Da sondagem, resultou a identificação de um conjunto de artefactos líticos lascados, sobre sílex e quartzo hialino, que se inscrevem no contexto das indústrias microlíticas, enquadráveis em ambientes mesolíticos, ou do neolítico mais antigo. A ausência de cerâmicas e as datas de radiocarbono posteriormente obtidas confirmam o posicionamento cultural dos materiais. Haverá que referir que algumas das peças foram recolhidos durante a fase de limpeza e acerto dos cortes antigos, impossibilitando a sua inserção em contextos estratigráficos seguros.

Lab. e Refª.	Tipo de Amostra	Contexto	Data Convencional BP	DATA cal. BC (1σ)	Data cal. BC (2σ)
Beta - 296433	Carvões	Amostra APM1, sobre a rocha no interior da gruta.	9640 +/- 50 BP	Cal BC 9220 a 9130 e Cal BC 8990 a 8920	Cal BC 9250 a 9100 e Cal BC 9090 a 8830
Beta - 296434	Carvões	Amostra APM3, junto à parede da gruta sobre a rocha	8390 +/- 40 BP	Cal BC 7530 a 7480	Cal BC 7570 a 7460

A amostra APM2, obtida numa mancha de carvões e cinzas a cerca 40 cm da superfície, forneceu a data histórica de 960 +/- 40 BP.



No decurso destes trabalhos foram recolhidas diversas amostras de terras por colegas da Universidade da Extremadura para análises polínicas e antracológicas cujos resultados ainda não estão disponíveis.

Convém referir e realçar que as datas obtidas se reportam a momentos de ocupação do abrigo e que não nos permitem estabelecer qualquer relação direta com as pinturas existentes. Se até ao presente praticamente todos os investigadores que sobre estes abrigos se têm debruçado concordam em balizar culturalmente a arte que decora o teto entre o Neolítico final e a Idade do Bronze, isto é, entre meados do IV e o II milénio, as datas agora obtidas remontam a fases muito mais antigas. Contudo, e sem qualquer certeza, é-nos legítimo perguntar se entre o as expressões artísticas conhecidas do paleolítico superior e a denominada arte esquemática das comunidades agro-pastoris e metalúrgicas o homem não ignorou, ou perdeu a capacidade de pintar nas paredes dos abrigos? Seguramente que não. Terão, assim, estas datações tão antigas alguma relação com a arte registada no teto deste abrigo? Só com o desenvolvimento de mais trabalhos de investigação e datação direta de alguma pintura nos poderá ajudar a responder a esta e outras questões. Para já não quisemos alargar a área de escavação para preservação de testemunhos intactos para futuras investigações com tecnologia mais desenvolvida.

IGREJA DOS MOUROS

Em 2009 as expressões artísticas rupestres do abrigo da Igreja dos Mouros foram objeto de levantamento. Neste abrigo para além de algumas figurações esquemáticas pintadas a vermelho, identificámos uma escultura em baixo-relevo com um reconhecível torço antropomórfico e uma rara pintura a branco que se localiza na parede mais recôndita do abrigo sobre a denominada mesa do altar.

No contexto da arte rupestre esquemática pintada da Serra de S. Mamede, até ao momento, apenas é conhecido outro exemplo de pintura a branco. Trata-se de uma pequena figura antropomórfica presente no Ninho do Bufo, no concelho de Marvão.

Neste abrigo realizámos também a planta e um corte para a localização das manifestações artísticas. Após as sondagens com resultados interessantíssimos efetuados anteriormente no Abrigo Pinho Monteiro tornava-se fundamental sondar outro abrigo com potência estratigráfica para, eventualmente se obterem mais amostras datáveis, ou pelo menos, artefactos que nos ajudassem a



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

posicionar crono-culturalmente a / as ocupações destes abrigos. Reconheceu-se que a Igreja dos Mouros apresentava características que possibilitariam possíveis resultados. Assim, em Julho de 2012, procedemos á abertura de três pequenas sondagens neste abrigo. Uma, com 1 X 0,50 metros na parte mais profunda do abrigo junto à denominada “pedra de altar”, que na cota mais profunda, sobre a rocha de base, forneceu duas pequenas concentrações artificiais de ocre com coloração muito próxima das pinturas parietais. Outra sondagem com 2 X 1 metros na base da parede onde se reconhece a escultura antropomórfica e a maior concentração de pinturas, revelou um muro obtido por blocos de pedra não argamassada á qual se adossa uma base de lareira mais superficial. Este muro parece ter funcionado como paravento do abrigo e apresenta-se, em planta, com uma forma em arco de círculo. Na face interior deste muro, ao mesmo nível da base de lareira, identificou-se um elemento de moinho manual, de rocha granitoide, de forma sub-retangular, duas pontas de seta, em xisto, de base côncava e dois fragmentos de prato de bordo espessado. O prato e as pontas de seta, que parecem ser contemporâneas, apontam para uma ocupação do Calcolítico pleno, contudo, abaixo deste nível ainda se registou uma expressiva potência arqueológica de cerca de 35 centímetros, onde não recolhemos quaisquer artefactos mas forneceu carvões passíveis de datação por radiocarbono, mas que ainda não foram efetuadas. No exterior do abrigo marcou-se outra pequena sondagem com um metro de lado que evidenciou o limite de uma outra estrutura que se destinaria a sustentar, face ao declive natural existente, um estreito átrio frente ao abrigo. Nesta sondagem recolheram-se carvões em níveis seguros que possibilitarão, em breve, obter datações.

ABRIGO DO PEGO DO INFERNO

Na Serra da Pedra Torta, junto à ribeira de Abrilongo, identificámos um novo abrigo, no sítio do Pego do Inferno. No teto deste abrigo, apenas visitável no Verão porque o seu acesso é condicionado pelo volume de água que a ribeira transporta, estão presentes alguns antropomorfos que, devido à enorme sobreposição de fungos e manchas de negro de fumo, são muito difíceis de identificar. Neste abrigo apenas elaborámos a planta e procedemos ao decalque dos painéis.

OUTROS ABRIGOS

As manifestações pictóricas rupestres na freguesia da Esperança distribuem-se também por outros pequenos abrigos ou lapas. Assim, em pequenas palas, que facultam algumas condições de proteção,



são visíveis sinais de pintura, maioritariamente a vermelho claro. Nestas haverá que incluir os diversos abrigos do Outeiro das Lapas, e os da Pedra Torta, Louções 2, Ti Raposa e Serra da Cabaça.

CONCELHO DE PORTALEGRE – FREGUESIA DE ALEGRETE

GRUTA DA SENHORA DA LAPA

Embora, até ao momento, a maior densidade de testemunhos de arte rupestre pintada de tipo esquemático na Serra de S. Mamede se concentre na freguesia da Esperança, outras áreas começam, de igual forma, a revelar as manifestações de arte rupestre como um fenómeno possivelmente alargado e presente em todo o contexto quartzítico da área da Serra de S. Mamede.

Ainda na sequência do projeto ARA, mas já dentro do concelho de Portalegre, na freguesia de Alegrete, ao visitarmos a interessante ermida de N^ª. Sr^ª. da Lapa, junto a Besteiros, fomos alertados para uma estreita e baixa passagem, considerada secreta, que se abre sob o altar. Esta ermida encontra-se incrustada numa formação quartzítica virada a Espanha. Depois de se ultrapassar um pequena galeria sob o altar deparamo-nos com uma gruta com cerca de 4 metros de comprimento e de 5 metros de largura, e uma altura máxima de três metros. No chão da gruta revelam-se dois níveis, um sensivelmente à mesma cota do piso do altar da igreja e outro, mais para o interior da gruta, sessenta centímetros mais baixo. Separam estes dois pisos um muro que corre transversalmente à gruta, paralelo ao altar da ermida. Neste muro denota-se um ressalto para o interior da gruta, parecendo corresponder esta saliência à memória de um outro altar mais antigo. No teto o abrigo natural, ainda que parcial e intencionalmente cobertas por cal são visíveis diversas pinturas onde se destacam digitados e alguns antropomorfos, muito esquemáticos, de par com pinturas recentes, mas com a mesma coloração.

Embora sem grande diversidade de tipologias pictóricas, pois a maioria de representações observáveis são sequências de conjuntos de barras, é possível que sob a capa de cal branca tenham sido sonegadas figurações “menos católicas” que a edificação da antiga ermida da Senhora da Lapa tentasse “exorcizar”, pela construção do altar-mor no lado Poente, exatamente encaixado no abrigo que se abre na crista quartzítica, onde se localizam as pinturas.

Da sondagem realizada no interior deste abrigo apenas recuperámos fragmentos de estuque decorados com técnica de esgrafito, talvez pertencentes à anterior ermida, da qual ainda restam partes de um muro conservado no interior do abrigo.



ABRIGO DA SENHORA DA PENHA

Recentemente, na Serra da Penha, mesmo em frente a Portalegre, tendo como objetivo avaliar a potencialidade da gruta da Cova da Moura, localizada na encosta nascente desta serra, ao prospectarmos a escarpa sudoeste, foi possível identificar mais pinturas nas paredes de um pequeno abrigo. Esta lapa inscreve-se no espaço do que parece ser um *habitat* fortificado que coroa a parte mais elevada da Penha de S. Paulo, também conhecida por Serra da Penha. Neste sítio, embora não tenha sido possível identificar artefactos que permitissem uma correta datação, para além da estrutura defensiva, destaca-se na parte mais elevada uma pequena plataforma intencionalmente regularizada à qual se tem acesso por degraus rasgados na rocha, fazendo lembrar alguns santuários proto-históricos.

CONCELHO DE MARVÃO

ABRIGO DO NINHO DO BUFO

No concelho de Marvão, em 2003, Margarida Ribeiro identificou o Abrigo do Ninho do Bufo, nas Penhas da Esparoeira, em Porto-Roque, junto à fronteira com Espanha. Neste abrigo procedemos à elaboração de uma planta sumária e ao decalque direto e indireto dos diversos painéis. Deste conjunto de pinturas é de destacar a presença de um antropomorfo pintado a branco, e de vários outros antropomorfos, justapostos mas pintados a vermelho. Nos vários painéis predominam os pontos e barras digitados pintados a vermelho bastante vivo, comparativamente com as tonalidades das pinturas reconhecidas na freguesia da Esperança. No topo da parede quartzítica onde se encontram estas pinturas abrem-se dois orifícios, de forma redonda muito regular, que dão nome à formação – Ninho do Bufo e onde estas aves normalmente nidificam. Na parte mais elevada da portela onde se encontra o abrigo com pinturas é visível uma plataforma artificial, estabilizada por muros, que parece corresponder a um provável *habitat*.

TERMO MUNICIPAL DE VALÊNCIA E SANTIAGO DE ALCÂNTARA

Nas várias cristas quartzíticas, envolventes de Valência de Alcântara, e nas imediações do Ninho do Bufo, são visíveis outros abrigos também com pinturas, que noutra texto iremos sumariamente apresentar. Estes abrigos foram identificados pelo nosso Amigo Juan Carlos Jimenez, de Valência de



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

Alcântara e possuem importantes conjuntos pictóricos. Destes abrigos, dois distribuem-se na mesma crista quartzítica do Ninho do Bufo, que são os Puerto Roque 1 e 2, já do lado espanhol. Os outros abrem-se em diaclases quartzíticas mais para noroeste. Conhecem-se dois abrigos na Serra de Santa Catalina, outros quatro na crista de Millaron, também com pinturas e na crista de Vihuela abre-se outro abrigo pintado. Mais para norte na Serra da Peña Jurada (Penha Furada) mais dois abrigos, muito interessante geologicamente, apresenta, igualmente painéis com pintura esquemática. Juntam-se estes novos abrigos pintados ao já estudado pela equipa da Universidade de Alcalá de Henares, vulgarmente denominado por El Buraco, em Santiago de Alcântara.

EM CONCLUSÃO

O levantamento da arte rupestre esquemática da Serra de S. Mamede inscreve-se num estudo mais amplo, anteriormente iniciado, que visava a compreensão da dispersão megalítica no Alentejo norte. Cedo nos apercebemos que a crista quartzítica da Serra de S. Mamede coincidia com o limite da mancha megalítica e que nessa linha se inscreviam, pelo menos no concelho de Arronches, os principais abrigos com arte esquemática. Constatava-se, igualmente, que a curta distância do Abrigo Pinho Monteiro se localizavam os dois dólmenes da Nave Fria. Se considerarmos que numa perspetiva de cronologia ampla a arte rupestre esquemática pintada se estende desde o Neolítico até aos inícios da metalurgia e que as principais manifestações megalíticas apresentam uma duração idêntica, então importava estudar, em paralelo, estas duas realidades que, tanto nesta região como noutras que agora se investigam, como o demonstram os trabalhos desenvolvidos por Primitiva Bueno, Rodrigo Balbin e sua equipa na zona do Tejo, parecem inscrever-se no mesmo horizonte cultural e corresponder às mesmas comunidades. Depois de quase duas dezenas de anos a inventariar e estudar antas e menires nesta zona do Alentejo importava avaliar se apenas as formações quartzíticas da Freguesia da Esperança possuíam arte rupestre esquemática, ou se ela se mantinha ao longo da Serra de S. Mamede, continuando a limitar para norte a mancha megalítica. Os trabalhos agora em curso têm vindo a confirmar a nossa já antiga suspeição. Na verdade os novos abrigos agora identificados tanto em Portalegre, Marvão ou Valência de Alcântara mantêm a mesma relação espacial com os monumentos funerários megalíticos das respetivas zonas. Os abrigos pintados recentemente localizados em Valência de Alcântara inscrevem-se na área dos mais de cinquenta dólmenes já conhecidos nessa região. Interessante também se torna a estreita relação



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

espacial do abrigo com pinturas rupestres da Serra da Penha, em Portalegre, com as antas conhecidas na zona dos Fortios, ou com a de João Martins, junto à estrada de Castelo de Vide. Por outro lado importa realçar a presença constante de povoados de altitude, geralmente a coroar o topo das colinas onde se identificaram os abrigos com pinturas. Estes *habitats*, ainda que não convenientemente estudados, apontam para cronologias mais tardias, contemporâneos da fase final do megalitismo, podendo, eventualmente, sobrepor-se a ocupações mais antigas. A presença destes povoados está documentada em Louções, povoado sobranceiro a três abrigos na zona da Esperança, no Povoado da Lamparona, no topo da serra onde se localiza a Gruta da Sr^a. da Lapa, no *habitat* fortificado e eventual santuário da Serra da Penha, em Portalegre e no eventual *habitat* sobranceiro ao Ninho do Bufo, em Marvão. Não muito distante da Gruta do Pego do Inferno e das pinturas da Pedra Torta, na Esperança, deverá existir um povoado, atendendo à presença de um grande elemento de mó de vaivém, transportado em época indeterminada para junto a uma pequena casa de campo. Perante estes factos tudo parece indicar uma forte relação entre o limite da mancha megalítica com os abrigos com pinturas esquemáticas das cristas quartzíticas da Serra de S. Mamede. Interessante se torna também a relação espacial com os *habitats* de altitude sobrepostos aos abrigos com pinturas. Importa agora avaliar a presença de mais abrigos pintados, sobretudo em zonas menos prospectadas como o corredor quartzítico Marvão – Castelo de Vide – Nisa, até às Portas de Ródão. Paralelamente aos trabalhos de escavação, prospeção e levantamento gráfico e fotográfico da arte rupestre, com a colaboração do Departamento de Física Nuclear da Universidade da Extremadura (Espanha) procedemos ao estudo da composição química dos componentes pictóricos, através de EDXRF, *in situ*. O estudo desenvolvido por Maria José Nuevo e Alexandre Martin-Sanches embora ainda não se encontre terminado permite-nos conhecer que os materiais inorgânicos são a principal base para as pinturas em tons de vermelho, com papel protagonizado pela hematite, mineral composto por sílica, argila e, maioritariamente, óxido de ferro e óxido de manganésio. Igualmente, levanta-se neste momento a hipótese, ainda não confirmada, de que um dos aglutinantes poderá ter sido urina. Os estudos palinológicos da responsabilidade de David Duque da Universidade da Extremadura ainda não se encontram concluídos prevendo-se, contudo, que brevemente possamos já dispor de elementos que cruzados com as datações entretanto obtidas nos possam esclarecer sobre as condições páleo-ambientais desde os finais do Paleolítico até ao Neolítico nesta zona do Alentejo. As datações acima apresentadas e obtidas das amostras recolhidas



no Abrigo Pinho Monteiro fazem recuar a ocupação daquele abrigo pelo menos aos finais do Paleolítico, com ocupação mesolítica expressamente datada. No que à temática da arte rupestre diz respeito e respeitando o limite de páginas imposto, apenas poderemos aqui referir que é evidente uma grande diversidade de tipologias e temas pictóricos, todos enquadráveis no horizonte artístico esquemático pós-glaciar, quase exclusivamente identificáveis em contexto de abrigo natural aberto nas dominantes cristas quartzíticas da Serra de S. Mamede. A figura humana tem um claro predomínio nas temáticas representadas, detendo em alguns casos a quase exclusividade de representação. A temática zoomórfica é muito reduzida, quase se limitando à que está presente em alguns dos painéis do abrigo dos Gaivões. Muitos elementos esquematizados como pontos, barras, linhas são quase sempre uma constante estando em convivência com antropomorfos mais figurativos. De notar que atendendo à orientação do complexo geológico de toda a cordilheira da Serra de S. Mamede ser Noroeste-Sudeste, significou que os abrigos localizados nas encostas voltadas a Sudoeste e, portanto, abertos à maior exposição solar, fossem os preferidos para a pintura por parte das comunidades pré-históricas. Dos quatro abrigos com pinturas conhecidos no início do Projeto Ara, em 2009, conhecem-se hoje mais de trinta locais com presença de pinturas esquemáticas dispersos pela Serra de S. Mamede. Os trabalhos previstos até à conclusão do projeto seguramente que possibilitarão a identificação de mais abrigos com pinturas, especialmente nas formações quartzíticas do concelho de Marvão, Castelo de Vide e no Termo Municipal de Valência de Alcântara.

APOIOS

Para a realização deste projeto e estudos contamos com a colaboração das seguintes entidades: Câmara Municipal de Arronches, Junta de Freguesia da Esperança, Junta de Freguesia de Alegrete, Universidade da Extremadura e Universidade de Évora.

BIBLIOGRAFIA

BREUIL, Henri (1917), La roche peinte de Valdejunco à la Esperança, près de Arronches (Portalegre), *Terra Portuguesa*, Lisboa, 13-14, Fev.-Março, pp 17-26.



BREUIL, Henri (1933), *Les peintures rupestres schématiques de la Péninsule Ibérique*, II Bassin du Gudian, Imprimerie de Lagny, Lagny sur Marne.

BREUIL, Henri (1940), *Quelques Observations sur les Peintures Schématiques de la Péninsule Ibérique*, separata de *Actas do I Congresso do Mundo Português*, vol.1, Porto, 11p.

CASTRO, Luís de Albuquerque e; FERREIRA, Octávio da Veiga (1960-61), *As pinturas rupestres esquemáticas da Serra dos Louções*, *Conímbriga*, vol.II-III, 1960-61, pp. 203-229.

COLLADO GIRALDO, Hipólito; GARCIA ARRANZ, José Júlio (2006), *El Risco de San Blas, Alburquerque, Guías Arqueológicas de Extremadura*, nº 6, Badajoz, Consejería de Cultura, 21p.

CORREIA, Virgílio (1916), *Pinturas Rupestres da Sra da Esperança (Arronches)*, *Terra Portuguesa*, nº5, ano I, Lisboa, Junho 1916, pp.158.

CORREIA, Virgílio (1917), *Arte pré-histórica*, *Terra Portuguesa*, Lisboa, Tip. do Anuário Comercial, nº 12, 13 e 14 / Janeiro a Março de 1917.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1962), *Pinturas Rupestres em Portugal*, *Revista Engenho*, nº17/1-4, Janeiro-Março, Lisboa, 1962, pp. 1-14.

FERREIRA, Octávio da Veiga (1965), *Recordação de uma viagem do Padre Henri Breuil ao abrigo de Vale de Junco (Esperança)*, *Revista da Faculdade de Letras de Lisboa*, série III, nº 9, Lisboa, p.275-277.

GOMES, Mário Varela (1985), *Abrigo de Pinho Monteiro – 1982*, *Informação Arqueológica*, nº 5, IPPC – Departamento de Arqueologia.

GOMES, Mário Varela (1989), *Arte Rupestre e contexto Arqueológico*, *Almansor Revista de Cultura*, nº 7, Câmara Municipal de Montemor-o-Novo, pp.225-247.

HELENO, Manuel (1956), *O professor Henri Breuil*, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, 2ªsérie, 3, 1956, p.239-246



HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo (1916), Pinturas Prehistoricas y dólmenes de la Región de Albuquerque según Datos y Dibujos de Aurélio Cabrera, *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, vol.XVI

HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo (1918), Estudios de arte prehistórico, *Notas da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*, Madrid.

HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo (1918), Estudios de arte prehistórico, *Notas da Comisión de Investigaciones Paleontológicas y Prehistóricas*, Nota nº 16, Comisión de Investigaciones Paleontológicas Y Prehistóricas, Madrid, 29p.

HERNÁNDEZ-PACHECO Y ESTEBAN, Eduardo; CABRERA, Aurélio (1916), Pinturas Prehistoricas y dólmenes de la Región de Albuquerque (Extremadura), *Boletín de la Real Sociedad Española de Historia Natural*, Tomo XVI, Nota nº8, Comisión de Investigaciones Paleontológicas Y Prehistóricas, Madrid, 13p.

MOITAS, Emílio; OLIVEIRA, Jorge; OLIVEIRA, Clara (2011), Megalitismo no Concelho de Arronches, *Actas do III Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Fronteira,

NUEVO, M.J.; MARTIN Sanchez; OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge (2010), In situ energy dispersive X-ray fluorescence analysis of rock art pigments from the 'Abrigo dos Gaivões' and 'Igreja dos Mouros' caves (Portugal), *X-Ray Spectrometry*, Wiley Online Library.

OLIVEIRA, Clara (2010), *Percursos da Investigação Arqueológica no Norte Alentejano: o caso do complexo de Arte Rupestre da freguesia da Esperança*, dissertação de Mestrado em Arqueologia e Ambiente, Universidade de Évora, 2010 (texto policopiado)

OLIVEIRA, Clara; OLIVEIRA, Jorge de (2008), Percurso Historiográfico do Complexo de Arte de Arronches, *Actas do III Taller Internacional de Arte Rupestre*, Havana, Fundación António Núñez Jiménez de la Naturaleza y el Hombre, *on-line*.

OLIVEIRA, Jorge de (2003), A arte rupestre no contexto megalítico Norte-Alentejano, *Sinais de Pedra*, Fundação Eugénio de Almeida, Ed. Electrónica.



- OLIVEIRA, Jorge de; BAIRINHAS, António; BALESTEROS, Cármen (1996), Inventário dos Vestígios Arqueológicos do Parque Natural da Serra de S.Mamede, *Ibn Maruán*, nº6, C.M.Marvão, pp.43-61.
- OLIVEIRA, Jorge de; BORGES, Sofia (1998), Arte Rupestre no Parque Natural da Serra de S.Mamede, *Ibn Maruán*, nº8, C.M.Marvão, pp.193-202.
- OLIVEIRA, Jorge de; OLIVEIRA, Clara (2000), Continuidade e Descontinuidade do Megalitismo no Distrito de Portalegre, *Actas do 3º Congresso de Arqueologia Peninsular*, Vol. III, Porto, ADECAP, pp. 459-471
- PEIXOTO, Ana (1997), A Lapa dos Gaivões – Arronches, *Ibn Maruán*, nº7, C.M.Marvão, pp.265-291.
- PESTANA, Manuel Inácio (1984), Arte Rupestre, do conjunto pictórico dos Louções ao da Serra do Cavaleiro, agora descoberto, *A Cidade – Revista Cultural de Portalegre*, nº3, Março.
- PESTANA, Manuel Inácio (1987), Arte rupestre da freguesia da Esperança (concelho de Arronches), *Actas das 1ªs Jornadas de Arqueologia do Nordeste Alentejano*, Comissão Regional de Turismo de S.Mamede.
- PINTO, Rui de Serpa (1932), O abrigo pré-histórico de Valdejunco (Esperança), *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, nº5/3, Porto, pp.245-246.
- RAPOSO, Luís (1993-1994), Do Somme ao Tejo: a vida e obra de Henri Breuil e sua contribuição para a Pré-História portuguesa, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série IV, 11/12, 1993-1994, pp. 223-290
- SANTOS JUNIOR, Joaquim (1940), Arte Rupestre, *Actas do I Congresso do Mundo Português / Memórias e Comunicações Apresentadas ao Congresso da Pré e Proto-História de Portugal*, vol.1, Lisboa, pp.327-376.

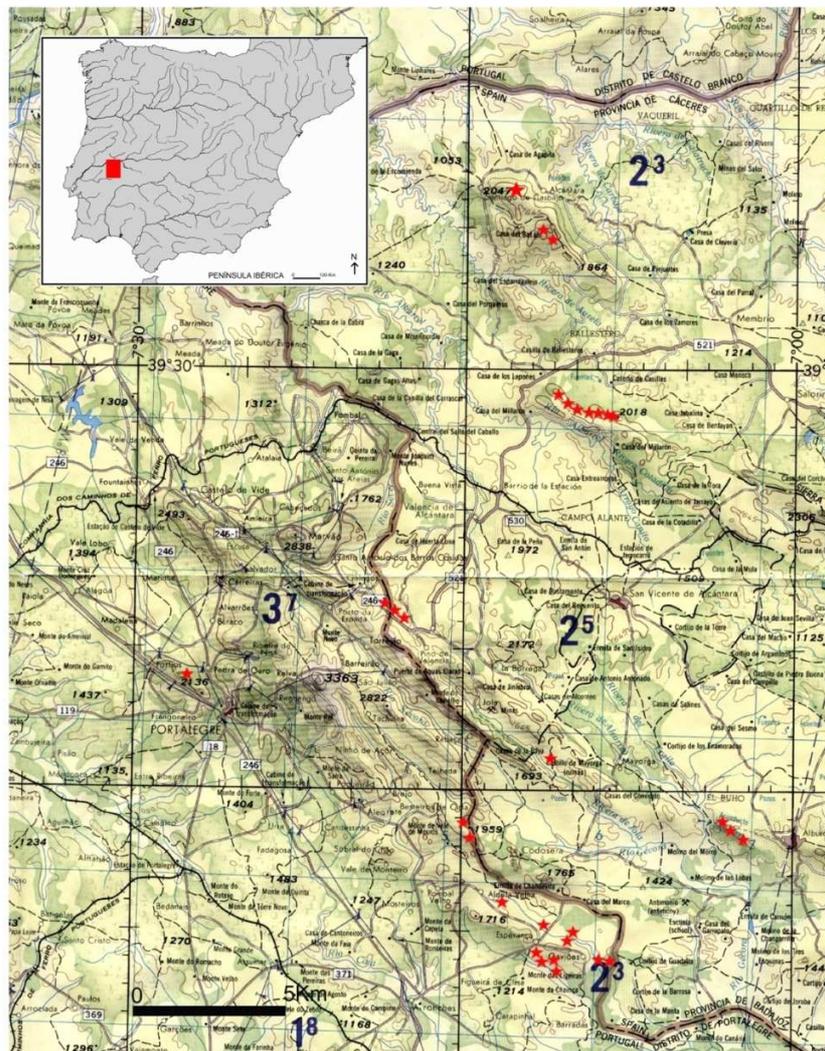


INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA

VASCONCELLOS, José Leite de (1920), Objectos paleolíticos de Arronches remetidos ao Museu Etnológico pelo Sr. Pe H.Breuil, *O Arqueólogo Português*, Lisboa, série 1, nº24, pp. 56-57.



SERRA DE S.MAMEDE E RIO TEJO - principais abrigos com arte rupestre pintada



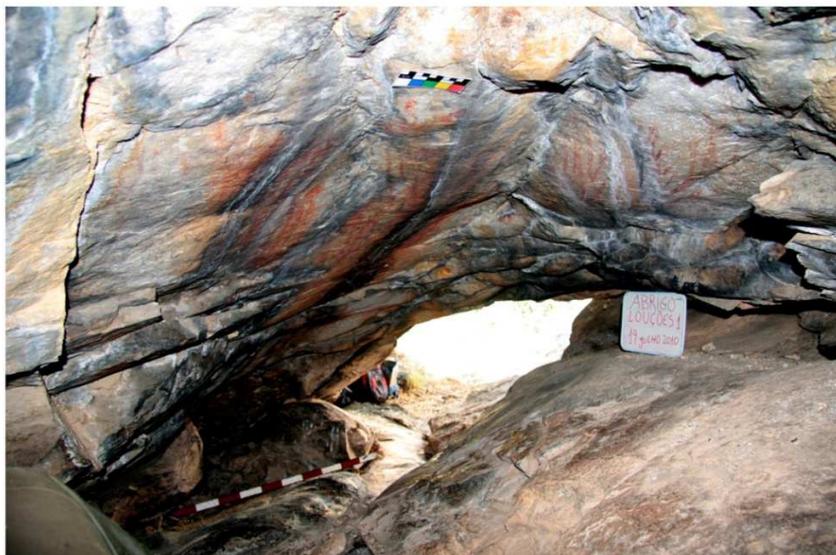
INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA



ABRIGO PINHO MONTEIRO - Esperança - Arronches



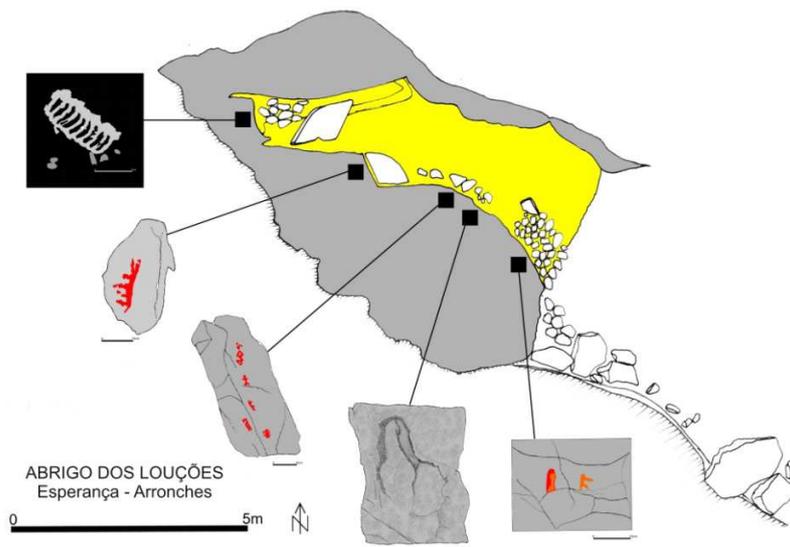
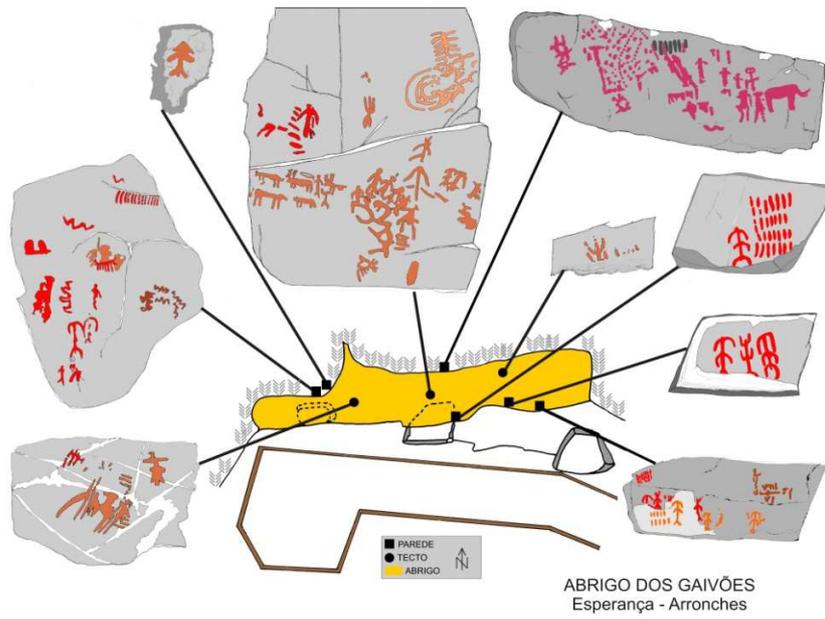
ABRIGO DOS LOUÇÕES - Esperança - Arronches



INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA





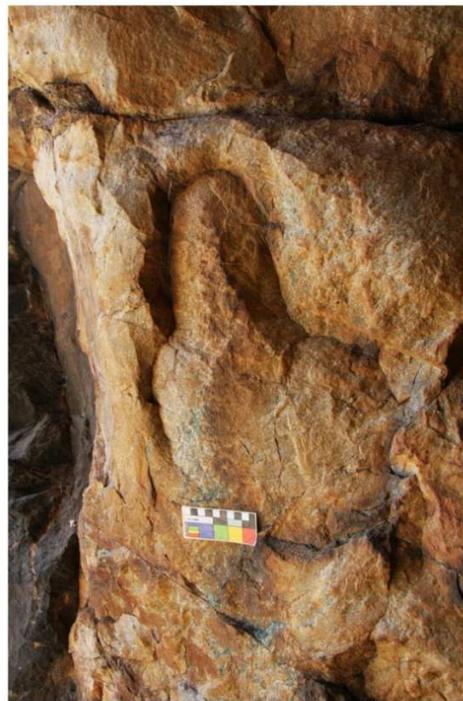
INSTITUTO CUBANO DE
ANTROPOLOGÍA

MEMORIAS

CONFERENCIA INTERNACIONAL ANTROPOLOGÍA



ABRIGO DOS GAIVÕES - painel exterior



ABRIGO DA IGREJA DOS MOUROS - pintura a branco e escultura antropomórfica